

*Nada, Espírito e Saudade em José Marinho*¹

Paulo Borges

(Universidade de Lisboa)

Antes de abordarmos propriamente o pensamento de José Marinho, permitimo-nos convidar os leitores para que nos transportemos, mediante a imaginação criadora e seguindo o roteiro de um dos textos mais significativos da cultura medieval portuguesa - *A Demanda do Santo Graal* - , ao dia e festa de Pentecostes, nos quais, *pela primeira e última vez*, todos os cavaleiros da Távola Redonda se encontram na corte e paço de Camelote. Ao anoitecer, e já sentados em torno da ampla mesa comum, eis que se ouve um imenso trovão, pelo qual tudo estremece, seguido do jorro duma luz incomum, que ilumina o paço mais do que se dia fosse. Surpreendemo-nos então cheios da graça do Espírito Santo e, contemplando-nos mutuamente, descobrimo-nos muito mais belos do que o habitual, o que nos deixa longo tempo suspensos num silêncio maravilhado. É agora que o Santo Graal entra no paço, coberto por um véu branco e suspenso no ar, sem ser visível alguém que o transporte. Um magnífico odor enche a atmosfera e, à medida que o vaso sagrado circula ao redor da mesa, esta é repleta de tal manjar qual cada um de nossos corações o deseja. Saciado o apetite, o cálice deixa a sala, sem que alguém saiba por onde nem para onde. Só então a palavra

¹ - O presente texto nasceu de uma conferência proferida no Centro de Estudos Portugueses, no IADE, em 18 de Junho de 1991, integrada no ciclo sobre *A filosofia de José Marinho*. Subordinado inicialmente ao tema *A ideia de Homem em José Marinho*, o estudo, por razões inerentes ao aprofundamento do pensamento do autor, evoluiu para a temática enunciada, convertendo-se num ensaio bastante mais amplo que apenas aqui publicamos parcialmente. Agradecemos a todos os conferentes a contribuição, ainda e sobretudo pelo confronto de perspectivas antagónicas, para a leitura que aqui se apresenta, cientes de que, pela natureza singular, difícil e ainda pouco explorada de um pensamento que se assume na instância interrogativa, ela jamais poderá considerar-se definitiva, evitando o mesmo enigma do interrogar-se cujo sentido persegue. Poderíamos assim subscrever, a respeito da nossa interpretação, o que o pensador afirma, na introdução à obra onde expõe o pensamento da "longa [...] viagem insituada" de toda uma vida : "A teoria, concludente em sua origem, é inconclusiva na finalidade aberta : o de que partiu, o autor tacitamente o sabe, o por que passou, aproximadamente o sabe, o a que chegou, mais o ignora" - *Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1961, p.14

retorna, para testemunhar da alegria comum e dar graças pelo dom concedido - em particular o rei, cujo reino acaba de ser distinguido com bênção até então desconhecida.

Mas um cavaleiro - Galvão, ou um de nós... - ergue-se e adverte Artur : "Senhor, há ainda nisto algo que vós não cuidais. Sabei que não houve cavaleiro que não fruisse *quanto pensou em seu coração*, e isto nunca aconteceu em nenhuma corte, a não ser na do rei Peles. Contudo fomos enganados, pois não vimos o Vaso senão coberto. Ora, por mim, aqui prometo a Deus e a toda a cavalaria que de manhã, se Deus me quiser atender, entrarei na Demanda do Santo Graal e jamais tornarei à corte, aconteça o que acontecer, *até que melhor e mais a meu prazer veja o que ora vi*. Só voltarei se tal for impossível". Eis-nos em silêncio até ao fim da refeição, mas, logo após, todos nos dirigimos a Artur, repetindo a mesma promessa: partir e jamais suspender a Demanda até contemplar e fruir, agora *des-velado e desnudo*, o que só nos foi *dado encoberto*, se tal for outorgado por "afã" e "trabalho" que possamos suportar ².

Continuando ou não, por mediação do psicodrama proposto (só o leitor decidirá se, e o modo pelo qual doravante nele se integrará), esta poética de nós mesmos, ou o *outrar-se* (como diria Pessoa), mais iniciático que somente heteronímico, pelo qual desde já assumimos a "viagem na qual nasce o próprio viajante" ³ que o pensar com José Marinho exige, demais não será lembrar que Galvão, aquele que tem a iniciativa da Demanda - ou seja, da *Questa*, constitutiva do *questionar* enquanto *busca* do *desconhecido*, apenas *re-velado* -, é por excelência o cavaleiro mal-aventurado, sendo responsável pela morte de muitos irmãos de armas, tal como desde início é profetizado. Aliás, a própria Demanda parece marcar o início da ruína definitiva do reino de Logres, com o ocultamento do Graal e a consequente desgraça. De todos os que partem sabemos que, na versão portuguesa, só doze cavaleiros, sendo o primeiro e o último Galaaz, terão a visão do Cálice, já então não

² - Cf. *A Demanda do Santo Graal*, edição de Joseph-Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, introdução de Ivo de Castro, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, XXV-XXVII, pp.16-17 (adaptação do texto e itálicos da nossa autoria).

³ - José Marinho, *Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1961, p.65.

referido como *encoberto* ⁴. Pertinente será pois recordar alguns dos atributos característicos deste Galaaz que, logo após a visão, *morre*, em estado de graça: é filho ilegítimo de Lancelote, nascendo em *pecado* ⁵; penetra misteriosamente no paço de Camelote, com as portas e janelas fechadas, ao mesmo tempo que uma luz faz perder a fala a quantos aí estão ⁶, aparentando-se pois com o próprio Graal...; ocupa o *lugar perigoso*, na Távola, investindo a condição profetizada daquele que cumpriria "as aventuras do Santo Graal" ⁷; vence a prova da espada, extraindo-a do padrão onde estava implantada ⁸; é o único que se recusa a levar *escudo* para a Demanda, à partida e por sua própria iniciativa, protestando que seu mal faria se assim o fizesse e fazendo votos de só o aceitar quando a *ventura* lho conceda ⁹; e, finalmente, é *virgem*, assim *vendo* o Graal e *morrendo* ¹⁰.

Bom, e José Marinho ? - interrogar-se-ão os atentos mas porventura perplexos leitores, tanto mais perplexos quanto menos disponíveis para aceitar que o *pensamento* também, e não poucas vezes com o rigor de uma maior e mais autêntica profundidade, se implica em obras de "literatura" - como tende a acontecer na cultura portuguesa - , fornecendo preciosa matéria à inquirição e hermenêutica filosóficas mais exigentes. Como resposta a tal interrogação, que eventualmente só será explícita no fim do presente texto – e dependendo da disponibilidade do leitor para se assumir protagonista activo do mesmo - , permita-se-nos que, na liberdade e intemporalidade do espírito, desloquemos a *demanda* da vossa atenção para o primeiro capítulo - *Da Visão Unívoca* - da *Teoria do Ser e da Verdade*, redigido e publicado cerca de sete séculos após a provável data do texto medieval português.

⁴ - Cf. *A Demanda do Santo Graal*, ed. cit., DXCVIII-DXCIX e DCXXVIII, pp.407-409 e 427-428.

⁵ - Cf. *A Demanda do Santo Graal*, ed. cit., V, p.3.

⁶ - *Idem, Ibidem*, XVI, p.10.

⁷ - *Id., Ibid.*, XVI-XVII, pp.10-11.

⁸ - *Id., Ibid.*, XIX, pp.12-13.

⁹ - *Id., Ibid.*, XLI, p.27.

¹⁰ - *Id., Ibid.*, DCXXVII, pp.427-428.

Eis-nos perante o testemunho de alguém a quem "*foi dado*" (o itálico é nosso) ver e ser "plenamente", no excesso de todo o ver e ser finitos e na coincidência sem fissura de ser e saber, ou, melhor, de ser e verdade. Na "intuição pura" que, no "instante" da "mais pura alegria", e concentrando todas as potências do "ser, sentir e pensar", ela mesma se anula, e à "razão", no "ser uno da verdade", a negação de toda a forma finita de ser, saber e viver é já o "afirmar, e afirmar-se no não-ser do homem, o único", ou "absoluto", anulando toda a *relação* onto-lógica entre diferentes, complementares, contrários ou contraditórios.

"Intérmina visão meridiana", sem crepúsculo auroral ou vespéral, alheia ao sentido da sucessão e da transitividade, a "visão unívoca" manifesta, desde o início do seu eclodir, uma relação ambígua com o que parece ser apenas a sua circunstância humana. Denunciando o conhecimento como "milenário e vão propósito frustrado ou adiado dos filósofos imprudentes em sua mesma prudência" - e assim também a todo o amar, crer e agir precários, como "filhos comuns do homem e da ilusão do homem, da vida e da ilusão da vida" - , *assumido pelo "absoluto"* como o que é e se manifesta no "não-ser do homem", esse que o testemunha não deixa de se confessar, simultaneamente, como o que "humanamente" vive no seio do tempo, da finitude e da mortalidade, se bem que apenas como o que a tudo isso nega e anula, na implícita afirmação daquele uno e único absoluto ¹¹.

Depara-se-nos então o modo incomum de um ser que, *vendo e sendo absoluto* - um absoluto ileso da correlação criador/criatura, princípio/origem, vida/morte - , cumulativamente exerce a *vida humana*. *Vivendo* apropriado pela "visão unívoca" - a qual, eterna e meridiana, é o auto-desvelamento do que não tem outro que o interprete - , *sendo* "onde" "a noite não foi, nenhum sol teve ocaso, nada se deu na diversidade da luz, do que traz a luz ou a oculta, nada nasceu, não há morte" ¹², com este *absoluto humano* ou *no homem* contrastam os "homens". Designa-se assim o estado comum dos que, seus semelhantes segundo o existir e a vida, dele diferem quanto à hesitação e suspeita com que recebem a mesma visão unívoca, a qual se dá e renova sempre em e "para além de toda a

¹¹ - Cf., para tudo o que considerámos, José Marinho, *Teoria do Ser e da Verdade*, pp.19-22.

¹² - *Id.*, *Ibid.*, pp.21-22.

idade e todo o tempo" e "de todo humano ou divino ser", e da qual a seu modo participa tudo quanto é ou existe. Ao patenteador de absoluto, que "como filósofo se apresenta", chamam os homens "místico extraviado", apressando-se por todos os meios, quando não a dizer irreal, a "tornar alheio e distante" - pretérito, passado, enclausurado na história das ideias e na subjectividade de alguns pensadores - , "o único que pode dizer-se presente", ou seja, o *ver-ser irrelativo e incondicionado*¹³. Reclama-se porém filósofo o que aqui diz da sua afectação pela verdade, assumindo e transportando o pelo qual é *assumido e transportado*: o que *mais ou só importa* (radicalizando a expressão que Marinho colhe de Plotino), por cuja insustentação se constituem, no próprio acto de o negarem e diferirem, as modalidades de um mesmo, mais fundo e inaparente *senso comum*, culto ou inculto, religioso ou ateu, filosófico ou não.

Mas este - cuja humanidade alterada pela verdade, no sentido de uma visão henológica radical, se indefine e imponderabiliza na absoluteidade que a absorve, tornando-o, "no ser, outro que ser" - é ainda passível de surpresa. Ele, que pressupõe ser e ver "plenamente", sabendo "para sempre toda a verdade", súbito apercebe que, se um e o mesmo são ser e verdade, e se esse é o "uno, eterno e absoluto", o que se designa por Deus, não pode sê-lo então para si próprio, não pode saber-se: uno, eterno e absoluto, Deus, ser e verdade, tal só o é não para si mas para outro; em si, o que absolutamente é, é-o sem se saber. Funda "turbação" avassala então o que se presumira ciente da verdade na "visão unívoca", revelando-se-lhe sumamente *enigmático* o seu ver e saber do que assim vê e sabe como só podendo ser sem visão e saber de si. Perante a manifesta incoincidência do "ser da verdade" - o que o é sem se saber - e da "verdade do ser" - o saber-se do que é -, da insciência do absoluto e da vidência do mesmo, de algum modo outra que ele mas dele procedente e fonte de todo o discurso possível a seu respeito, aquele "que pensara na anulação de todo o pensamento" descobre *a não-verdade do ver e dizer a verdade no "ser da verdade"* e, assim, a intrínseca qualidade de *cisão* do que antes reputava por *união* pura e absoluta. E é neste *transe crítico*, como um vir à luz para fora do que se tinha pela própria

¹³ - *Id., Ibid.*, pp.22 e 139.

luz, que *homem* e *visão unívoca* "mais intimamente" nascem, outros do que aparentavam ser: um *homem* interrogando-se sobre a estranheza de uma visão mista de pleno saber e ignorar, e que a surpreende agora "inumana, ou desumana de outra desumanidade" que aquela que na absoluteidade primeva já se lhe patenteara, apropriando-o; uma *visão* que, na mesma interrogação do homem, *de si para si* se interroga como *enigma* e *mistério*, enquanto é no uno absoluto como o que afirmando a sua verdade imediatamente a nega, pois tal verdade não o é para si mesma: "a verdade [...] não é para o mesmo ser da verdade". Ao filósofo, que antes como tal se apresentava, mas "que só agora o é propriamente", desvendase então o até aí ignorado - o "espírito", paradoxal união/cisão - , bem como, nele, a "profunda razão", que se antecipa como "a razão da razão", de os "humanos, sábios e ignorantes", *por ele* o negarem e à "visão unívoca". A simples possibilidade de a negar evidencia, contudo, o sabê-la, patenteando ainda o "espírito" como o nela implícito e afirmado no acto mesmo do negá-lo, enquanto secreto e ignoto sujeito de todo o pensamento e forma de consciência ¹⁴.

O que interroga e se interroga é então o "espírito", por Marinho reinterpretado e rebaptizado como "insubstancial substante", *haver* irrelativo a *ser* ou *estar* algum, subsistindo em toda a substancialidade do que é ou está, corpo e alma, apenas enquanto "passa", ou *perpassa*, "como sopro e vento" ¹⁵. A actividade do espírito, a qual, "não sendo vida, é condição de toda a vida" ¹⁶, é a perene demanda da *interrogação*, que de si e de tudo - ser, verdade, sua relação e outro que ser e verdade, na coincidência plena que os anula - para si reflui, e sem a qual não há pensar autêntico. Mas o pensamento já não pode, doravante, consistir apenas na visão unívoca que à absoluteidade supõe aceder, como o que nela, ciente dela, se anula. São o próprio ser da visão unívoca - no qual se sabe agora "toda a verdade" e "todo o engano", pelo desvendamento dos limites inerentes ao que sabe o uno e a tal saber, na incindível relação de saber e ignorar, afirmar e negar e, logo, de *união e cisão*

¹⁴ - *Id., Ibid.*, pp.22-25.

¹⁵ - *Id., Ibid.*, p.55.

¹⁶ - *Id., Ibid.*, p.55.

cumulativas, conforme Marinho desde 1944 o adverte ¹⁷ - e o correlato uno absoluto nele e para ele, como outro do *em si* ausente de *para si mesmo*, que se desvelam mistos de ilusão, e passíveis de serem considerados como o que de algum modo *não é* ou só emerge como primordial fenomenalização de um "mais profundo Nada" ¹⁸.

Eis-nos, segundo cremos, no cerne da incomum e difícil teorese de Marinho. Anterior a, e condição de, qualquer possibilidade de visão, representação metafísica e discurso ontológico, plasmando-se segundo as grandes figuras do pensamento universal - Deus, homem, mundo - , correlatos no seu ser suposto consistente e dado à evidência no pensamento, encontramos o inesperado enigma de um uno absoluto que é *re-velação*, de si para si mesmo, ou seja, *manifestação e ocultamento simultâneos*. Essente, ciente de si, pensável e dizível, o absoluto só o é no e pelo espírito, *para-doxal* haver de uma alteridade no seio do que só nela e por ela se pensa como o mesmo, sem que na *união-cisão* das suas correlatas figuras onto-lógicas tal absoluto efectivamente se altere ou mesmifique. Inalterável e pleno como *Nada*, irrelativo à dualização sujeito-objecto por que se gera e persiste toda a forma de consciência - ainda na simples visão intuitiva - , o uno absoluto para si o advém como outro-mesmo relativamente ao intrínseco Nada, que a *união-cisão* do espírito oculta na mesma "visão genesíaca" que dá à luz o "único necessário" ¹⁹.

Mas se na "visão unívoca" o espírito, primeira instância de uma "especulação" pura, absoluta e instantânea, vê sem se ver no ver do que vê - na génese de uma visão que, simultaneamente, em si e para si gera o visto enquanto cega para esse mesmo processo de constituição de si no constituir do seu objecto - , já na descoberta deste seu ver como intrínseca *cisão* tudo se altera. Não só agora vê que o absoluto que vê é sem se ver, quanto se vê ainda como o ver gerador da visibilidade desse, ou disso, que é sem se ver ²⁰. O

¹⁷ - Cf. *Id.*, *Ibid.*, p.54 e *Id.*, "Relação verídica do saber e do ignorar", in *Litoral*, 4 (Out./Nov. 1944), pp. 357-362.

¹⁸ - *Id.*, *Teoria do Ser e da Verdade*, p.24.

¹⁹ - Cf. *Id.*, *Filosofia - Ensino ou Iniciação ?*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972, pp.28, 45-46 e 65.

²⁰ - Cf. *Id.*, *Teoria...*, pp.54-55.

espírito é assim, pelo saber-se *união e cisão cumulativas*, não só o a quem se re-vela o absoluto como Nada (por sua mesma plenitude, irreduzível a qualquer determinação ontológica, positiva ou negativa, transcendendo o ser e o não-ser), mas ainda o que re-apropria essa absoluteidade, sob condição de se assumir, ele mesmo, uma insubstancialidade emergente do, no e para o Nada abissal ²¹, como o princípio de toda e qualquer manifestação, porém não em si mas nela e por ela.

Decisivo será compreender que, em todos os aspectos e instâncias desta fenomenologia primordial, jamais ela escapa ao Nada, o qual, se não se pode dizer sujeito, é o sem-fundo in-fundante mas omni-englobante do emergir, sem-razão mas fonte de toda a razão, da subjectividade fundamental e infinita do espírito. Legítimo portador de todos os atributos da representação do uno, único, eterno e absoluto, o *espírito é o ver-se, interrogar-se e gerar-se (enquanto tal) da Verdade como enigma para si mesma*. Inalterável na mesma alteridade que é, e que é para si, uma vez dito - no derradeiro capítulo da *Teoria - liberdade e Deus* ²², surpreende-nos aqui um Deus que só ocultando-se, ou ocultando em si o uno absoluto, se conhece e é, primeiro personagem do ilimitado processo pneumo-teo-ontocsmogónico no qual, começando na "cisão divina" - a "cisão em Deus", que o multiplica em "avatares" e "pessoas", e, num sentido mais fundo, a "cisão primeira e absoluta (...) pela qual é Deus" - e culminando na sua "contrapolar" e "sensível" "cisão extrema" ²³, a partir do e no "uno ser da verdade", "impessoal mas não negando a pessoa e as pessoas" ²⁴, se aparenta um intérmino jogo de *máscaras* onde cada ser só "é" pelo encobrimento essencial do ser para si e para outrem, na teia de cintilações do múltiplo a tremeluzir recortando o sem-fundo do Nada.

²¹ - "Tal é o insubstancial substantivo, o que se diz como o que é, mas verdadeiramente não é, ou é só pela assunção do Nada" -*Id., Ibid.*, p.11.

²² - *Id., Ibid.*, pp.161 e 166.

²³ - *Id., Ibid.*, pp.91-93.

²⁴ - *Id., Ibid.*, p.117.

Falando de processo pneumo-teo-onto-cosmogónico, aportamos a uma questão essencial. É que, na união e cisão cumulativas do *haver* do espírito, e ainda no seu instantâneo unir para infinitamente cindir, no seu infinito cindir para absolutamente unir²⁵, não só o absoluto se vê e é, emergindo do indeclinável Nada, mas ainda nele se vêem e são, ou são sem se verem, sendo apenas para outrem, todos os seres e modos de ser, comungantes no substante do insubstancial sopra. Tudo importa compreender então que nesta comunidade primordial - cuja omni-abrangência, como na lição de Sampaio Bruno, não exclui sequer as próprias “coisas”²⁶, ou o que não pensa nem é consciente, surgindo "apenas como objecto, imagem para a consciência finita"²⁷ - , emergindo constelada do Nada pela simultaneidade unitiva-separativa do espírito, *tudo é outro do que aparenta ser* para a representação que se constitui no esquecimento, ou na ruptura unilateral, da coincidência entre unir e cindir, saber e ignorar, afirmar e negar. A cisão originária, pela qual é toda a origem e noção de origem²⁸, é, pois, intrínseca união. Tal a instância da "cisão autêntica"²⁹ (cuja relação com a "cisão divina" se nos afigura pouco explícita), anterior e oculta a todo o pensamento não assumido e transfigurado na "sabedoria iniciática" do espírito³⁰, pela qual se revela o expresso nas decisivas palavras :

"E o sentido autêntico do absoluto aqui surge : como o que se separa ou de si tudo separa como ser da verdade, mas não para si separa, como espírito e verdade"³¹.

²⁵ - Cf. *Id., Ibid.*, pp.76, 98 e 169, entre outras.

²⁶ - Cf. Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, Porto, Livraria Chardron – Lello & Irmão, Editores, 1902, p.470.

²⁷ - José Marinho, *Teoria...*, p.113. Cf. também p.114.

²⁸ - Cf. *Id., Ibid.*, p.94.

²⁹ - Cf. *Id., Ibid.*, pp.71-72.

³⁰ - *Id., Ibid.*, p.169.

³¹ - *Id., Ibid.*, pp.76-77 (o negro é nosso).

Se o absoluto, enquanto na pura insciência do que "não pode mais que ser sem se saber", não sendo verdade para si mesmo ³², *não sendo, não-não sendo nem sendo para ser ou não ser*, se intui como a transcendência pura do *Nada* virgem de qualquer afirmação-negação, já no seu ser para si mesmo, que vimos inerente ao *haver* do espírito, como mesmo-outro e idêntico-diferente no *Nada* abissal, *tudo é para ser possível no seu tornar-se "espírito e verdade"*. A re-velação/geração de Deus a/por si mesmo, enquanto emerge do sem-fundo do *Nada* pelo *ver-se esse mesmo sem-fundo*, é, simultaneamente, a re-velação/geração de todos os seres, possibilitando-os a partir da *a-possibilidade* primordial do *Nada*, mas em si e para si, no e para o espírito, verdade e liberdade que Deus é, não neles e para eles, que jamais são ou são para ser em si mesmos. Assim, tal como este mesmo Deus-espírito-verdade-liberdade - no qual emerge todo o oculto sentido do divino que Marinho desde cedo sondou como o esquecido nas próprias "revelações religiosas" e logo nas representações teológicas e teodiceicas dominantes e comuns ³³ - é, segundo o pensamento finito, a face que do *Nada* podemos reconhecer, também nele tudo se possibilita e vem a ser na "plenitude do *Nada*", só velado pelas formas de saber que na ilusão substancial e entitativa se firmam, como se o que é mero trâmite ou momento de um processo de ser, ou de ser em "espírito e verdade", fosse já plenamente ou fosse para ser.

Tudo depende de se compreender como a cisão, em Marinho, não se reduz nem se identifica à mera negatividade, ou à separatividade da "cisão extrema", pela qual emerge a multiplicação centrífuga, divergente e opositiva dos modos de ser e de saber, mas que ela antes refere o pelo qual toda a união, harmonia e comunhão dos múltiplos na plenitude inefável são possíveis e pensáveis. Tal como o pensamento, ou liberdade, sendo a vida do

³² - cf. *Id.*, *Ibid.*, p.23.

³³ - Cf., por exemplo, "Reflexões e Aforismos", *Presença*, nº32 (Março-Junho de 1931), pp.2-4, p.2; in *Aforismos sobre o que mais importa*, edição de Jorge Croce Rivera, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, p. 397; "Reflexões sobre Religião, Deus e Mandamento", *Ibid.*, nº 46 (Outubro de 1935), pp.4-6; "Sobre o Juízo Tácito", *Revista de Portugal*, nº 3 (Abril de 1938), in *Significado e Valor da Metafísica e outros textos*, edição de Jorge Croce Rivera, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, pp.164-168, pp. 167-168; "Dialéctica e Dianoia", *Espiral*, nº 10 (Lisboa, Verão de 1966), pp.46-54, pp.50-51 e 53-54; "Aforismos", *Diário do Minho*, 13 de Outubro de 1973; *Aforismos sobre o que mais importa*, pp. 161-162, 198, 211, 300, 304, 319, 341-342, 354-355, 370.

próprio absoluto enquanto espírito, excede, antecede e possibilita a determinação do ser dos seres, também a qualidade propriamente nefasta da cisão reside não em si, ou no ser nela e por ela, mas no ignorá-la como a indeclinável condição de possibilidade de toda a manifestação e ainda como inerente antes ao plano do ver do que ao do ser ³⁴. Saber da cisão, ou seja, da cisão como união e integração cumulativa, na co-incidência dos opostos que no absoluto se anulam, é, em Marinho, o próprio saber-se do espírito, idêntico à liberdade e divindade do seu haver insubstancial.

Saber(-se) da união-cisão que, cremos, é o mesmo saber(-se) da Saudade, a qual, numa interpretação convergente com a do seu tratamento por Pascoaes, parece designar o espírito enquanto instância matricial, em cuja impassível pulsão genesíaca tudo é coincidentemente presença-ausência, distância-proximidade, luz-treva, eterno-temporal, incriado-criado, solitário-comungante, si mesmo e todo o outro, no seio do Nada insondável e pleno. Que **Saudade** seja o nome assumido na alma portuguesa pelo **Espírito**, ou pela revelação genesíaca do Nada abscondito e patente no seu mesmo revelar-se - na eclosão de um Tempo primordial não cindido senão enquanto unido ao Eterno, irrelativo à profusão dos seres nele e por ele gerados e assim irredutível a qualquer ontologia, sendo no entanto o que a possibilita - , deixou-o Marinho interrogativamente sugerido na alusão ao "mistério" de "outra Saudade mais que humana" ³⁵. Comentando a funda intuição de Pascoaes - o qual, nos três versos finais do *Marânus*, indica a abissalidade meta-ôntica e meta-antropocósmica da Saudade : "Pois tudo, tudo, há-de passar, enfim ! / O homem,o próprio mundo passará, / Mas a Saudade é irmã da Eternidade" ³⁶ - , Marinho, interrogando o tema pascoaesiano do

³⁴ - Cf. *Id.*, *Teoria...*, p.66. Aqui se apercebe uma divergência significativa de Marinho relativamente ao influxo do pensamento de Sampaio Bruno, no qual a cisão, além de essencialmente negativa, parece afectar o Absoluto antes ao nível do ser do que do saber.

³⁵ - *Id.*, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão, 1976, p.230. Cf. também: "O mistério da saudade é então, com o mistério do homem e do ser para homem (sic), o enigma do Tempo ?" - *Ibid.*

³⁶ - Teixeira de Pascoaes, *Marânus*, in *Obras Completas*, III vol., *As Sombras, Senhora da Noite, Marânus*, Lisboa, Bertrand, s.d., p.303.

renascimento do "ser com a verdade de tudo", adverte que "a Saudade (...) é na relação de ser e nada", e que "não só do que foi, do que é e do que há-de ser" têm os homens saudade, pois "a Saudade é também do que não é para ser". Ela é, assim, "divina", mas "por razões mais fundas" que as enunciadas por Frei Agostinho da Cruz ou por Camões: ou seja, "porque é o profundo ser de tudo e tudo quanto foi, é e será, ou não sabemos que é para ser, é Saudade". "Sempiterna", ou aquela mesma "vida eterna", de união-cisão, em "espírito e verdade", que o pensador, na *Teoria*, diz "nem mortal nem imortal"³⁷, o "ser subtil e insubstancial da Saudade" é a matriz da geração e necessário devir cíclico dos seres, incluindo os deuses³⁸. Enquanto "tempo cósmico", ela desvela-se-nos na "relação com o

³⁷ - José Marinho, *Teoria...*, pp.76-77.

³⁸ - Sobre a virtude teo-onto-cosmogónica da Saudade, em Pascoaes, afim ao sentido da manifestação primordial que é o *espírito*, na *Teoria*, cf. Sant'Anna Dionísio, *O Poeta, essa Ave Metafísica*, s.l., Seara Nova, 1953, p.54:

"(...) para Pascoaes, a Origem não está em Deus, mas na Saudade.

Assim como os primitivos Gregos davam a entender, por meio das suas ingénuas cosmogonias, que o primeiro Ser teria sido Cronos (ou seja o Tempo) e que dele teriam nascido os *deuses*, assim o Poeta, com uma audácia e uma ingenuidade que nada lhes fica a dever, afirma que a madre espiritual e transcendente, criadora do céu e da terra, é a Ansiedade que tudo envolve, incluindo a própria alma divina.

Deus como *criatura* da saudade, - eis, em suma, o mais alto axioma teodiceico do Poeta".

Também Marinho apreendeu o fundo alcance deste aspecto da visão pascoaesiana: "A grandeza específica de Pascoais que o [[coloca]] <situa neste ponto essencial> por cima de toda a poesia portuguesa, é ter visto que [[esse]] <o> volver cíclico fatal coage [[os próprios]] não só os homens [[mas]] <e> os outros seres de que podemos ver o nascimento e a morte, como <coage> também os próprios deuses. Deste modo, para além do Cristianismo e do correspondente humanismo moderno, liga-se o nosso genial poeta à tradição milenária a que pertencem entre os maiores Hesíodo e Ésquilo. [[Enquanto]] Ora é preciso ter longamente e em diversas idades [[ter]] meditado a *Genealogia dos Deuses* e o *Prometeu* para entender tudo quanto aqui signífico" - *Nova Interpretação do Sebastianismo*, in Jorge Rivera, *A Meditação do Tempo no Pensamento de José Marinho*, Anexo, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990, p.112 [policopiado].

Com este apontamento, Marinho coloca a meditação da Saudade no difícil âmago da história mítica do mundo, em particular no que respeita à sua relação com o sentido pré-indo-europeu da Terra ou da Deusa Mater e, no âmbito da tradição grega, com o segredo detido por Prometeu, o titã protector dos homens, acerca de algo que excede o próprio deus supremo, Zeus, e que o obrigará à fatal sucessão, caso não liberte Prometeu e obtenha o seu apoio - cf. Ésquilo, *Prometeu Agrilhado*. Não poderemos aqui desenvolver toda a ampla gama de sugestões destes temas.

Segundo a nossa interpretação, a leitura final que Marinho faz de Pascoaes contrasta obviamente com a do juvenil ensaio no qual a Saudade se interpreta como "um sentimento humano ou uma atitude humana nunca identificável com a eternidade, apesar de poder revelá-la", acrescentando-se: "O poeta fez sem razão da Saudade no *Maranos* o que com mais razão fizera Dante do Amor na *Divina Comédia*. Porque a Saudade não é, com efeito, um sentimento que nos dê como o amor a plenitude do ser, o que no *Maranos* está provado pela própria dualidade Eleonor-Saudade" - cf. *Ensaio sobre a Obra de Teixeira de Pascoaes*, in *Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade e outros textos*, edição de Jorge Croce Rivera,

que em nós transita e regressa enquanto surdo desejo e lembrança flor da memória - desejo e lembrança de outro que o vivido ou para viver-se ainda". Na tensão criadora para uma eternidade que, por essa mesma visão-vida primordial que de si para si se constitui, não é imóvel, a Saudade manifesta-se como um Logos genesíaco e palingenésico, que Marinho afirma estar "antes de toda a razão sem-razão [*sic*] genesíaca", descerrando-se-nos porventura nas experiências-limite, ou nas quais o aparente *limite* se converte em *limiar*³⁹, como na "relação da loucura e do sentido profundo da morte". A Ressurreição na e pela Saudade, ou a Ressurreição que é já e sempre a Saudade, como num instantâneo, sempiterno e suspenso recompor-se do estremecimento de uma queda que nunca houve – como por vezes ao adormecermos - , descobre-nos nesse parto virginal, para-doxal e im-possível, do Absoluto que, na mesma visão unívoca, enquanto visão do "ser que não é", "a todo o instante se cinde de si para regressar a si", no "evanescente instante" que é "todo o tempo da Saudade, do amor, da fé profunda, do pensamento". Unificadora de contrários, cerzindo a fissura no ver pelo ver(-se) da própria cisão, pelo qual esta é como o que não é, ou em si mesma se anula, a Saudade instantaneamente transfigura e – para escândalo da consciência, sobretudo ocidental – não apenas *reversibiliza* todo o curso temporal, adunando à plenitude os seres só *aparentemente*, ou seja, *na visão não saudosa*, precipitados na cisão sem recurso, como torna mesmo reversível o aparente processo de constituição do “*existir*”, do indivíduo e do mundo, raiz da ilusão pela qual se pensa em termos de tempo e Origem.

Como diz Marinho: "Já pela montanha ascende todo o humano e todo o criado e incriado ao ser da luz eterna, já a Saudade brandamente impele, seduz ou arrebatada todo o demoníaco e todo o proscrito desde o mais fundo inferno para a radiosa comunhão no ser, na verdade e na luz"⁴⁰. E como diz Pascoaes: “Também há-de chegar o dia em que eu próprio

Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, p.147, e *Significado e Valor da Obra de Teixeira de Pascoaes*, in *Ibid.*, p. 195. Sobre a Saudade e sua relação com o Amor, em Pascoaes, cf. Paulo Borges, “A iniciação amorosa no *Marânus*, de Teixeira de Pascoaes”, in *Pensamento Atlântico. Estudos e Ensaios de Pensamento Luso-Brasileiro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, pp.202-208.

³⁹ - Cf. Eudoro de Sousa, *Mitologia*, Editora Universidade de Brasília, 1980, 38, p.98.

⁴⁰ - Cf. José Marinho, "Pascoais, poeta da visão unívoca", *Diário de Notícias*, 24 de Janeiro de 1963. Cf. ainda: "Com o *Regresso ao Paraíso* o divino poder da Saudade liberta de todo o mal os homens

nunca existi. E há-de chegar também o dia em que o mundo nunca existiu: o mundo, o Sol e as estrelas...”⁴¹; “Há *horas* em que Deus não existe, em que nada existe !”⁴²; “Esta questão da Origem mostra o desejo de definir, - desejo, que é o próprio móbil da alma, pois definir equivale a ver”, o que seria “a tentação da morte”⁴³; “O *existir* cria a *ilusão de Tempo*, a qual, por sua vez, cria a *ilusão de Origem*”⁴⁴. De notar que, nestes dois últimos excertos, como bem o nota Marinho, pelo menos “aparentemente”, “o pensamento de Teixeira de Pascoaes se volta contra si próprio”⁴⁵.

Surge assim a Saudade, simultaneamente, como via gradual e instante realização da Demanda – tal a do Graal, para indicarmos o só sugerido nexos com a narrativa medieval - , inerente à libertadora e mais que humana e divina desmesura do espírito que tudo abandona e arrisca pelo ver(-se) sem véus, reconhecendo a incircunscrita e omnipresente abertura do *Tudo para Todos*, para além de quaisquer motivos éticos, filosóficos ou religiosos, de origem humana ou divina, mas conferindo-lhes a única justificação possível. O que, desde logo, convoca a Saudade ao sacrifício de si, na consumação do *para além do qual nada mais há* ao qual tende, o que é o próprio auto-sacrifício instante e constitutivo do haver do espírito, que só “é” e “é” autenticamente pela assunção do Nada.

É neste duplo e uno vector, de uma radical exigência de i-legitimação e superação da finitude enquanto acesso total e imediato à emergência autêntica e in-finitizante de sentido⁴⁶

condenados, revela noutra angélica excelsitude todo o demoníaco e satânico” - *Id.*, *Verdade, Condição e Destino...*, p.231.

Na mesma obra, e comentando um dos aspectos da visão da Saudade em Leonardo Coimbra, como íntima a uma fenomenologia da consciência espiritual, Marinho escreve que “a Saudade é atendida não apenas como objecto de uma razão constituída, apologética ou crítica, mas como o que emerge da mais autêntica e profunda subjectividade, no trânsito do espírito anterior a todas as determinações para as determinações possíveis do pensamento” - p.239.

⁴¹ Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Bailado*, introdução de Alfredo Margarido, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p.94.

⁴² Cf. *Ibid.*, p.113.

⁴³ Cf. *Id.*, *Verbo Escuro*, in *Verbo Escuro / A Beira (num relâmpago)*, edição do autor, Paris/Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, s.d., p.53.

⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p.54.

⁴⁵ Cf. José Marinho, *Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade e outros textos*, p. 236. Cf. também p. 238.

⁴⁶ - Cremos culminar assim em Marinho uma das vertentes mais significativas do pensamento português

- o que não exclui que tal acesso não seja senão possível no acto mesmo do sacrifício de si e desta emergência, ou seja, que o ganho da plenitude de sentido coincida com a sua abissal e total perda - , que interpretamos tanto a recomendação final da *Teoria* - "Para compreender quanto dissemos, importa, entretanto, não dizer como os que disseram que o filósofo tudo medita menos a morte ou como os que asseveraram que do Nada nada sai" ⁴⁷ - quanto a sua advertência inicial: "O autor [...] foi levado pelo último sentido do insubstancial substante para uma doutrina efectiva de libertação. Coube-lhe mostrar, a ele também, que desde a sensação à ideia todo o pensamento por mais modesto liberta, e que verdade no que permanece escravo ou é futor de servidão, não tem sentido algum" ⁴⁸. Aqui, porém, onde outros textos, compreensivelmente de maior e mais imediato impacto nos vários planos de institucionalização do pensar (desde o mental ao cultural e ao escolar), primam pela atitude tética ou antitética, a teorese em Marinho refluí para o *instante* da mesma e jamais exaurida *interrogação* pela qual infinitamente se abre, mostrando não definitiva nem única qualquer forma ou via de re-velar a verdade ⁴⁹, ou seja, aquilo que só é enquanto re-velação já do único absoluto: o Nada pleno ⁵⁰.

contemporâneo, a qual tende a assumir a inautenticidade, ambiguidade e/ou malignidade de uma manifestação ou criação intrinsecamente finitizante, ou das visões religiosas e metafísicas que assim a representam. Tal como já em Leonardo Coimbra, que no *Criacionismo* afirma a radical ilimitação de todas as mónadas, não apenas as humanas, na vida originária em Deus (cf. *Obras*, I, selecção, coordenação e revisão pelo Prof. Sant'Anna Dionísio, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1983, p.391), a tese aqui frontalmente contestada é aquela que assume a "imperfeição" constitutiva e a "limitação essencial e original" dos existentes, na dependência criatural de Deus, consoante as transparentes formulações de Leibniz: *Principes de la Nature et de la Grâce fondés en Raison*, 9; *Principes de la Philosophie ou Monadologie*, 42; Paris, PUF, 1986, pp. 49 e 95.

⁴⁷ - Cf. José Marinho, *Teoria...*, p.168.

⁴⁸ - *Ib.*, *Ibid.*, p.13.

⁴⁹ - Cf. *Id.*, *Ibid.*, p.168.

⁵⁰ - Que o *Nada* é irrelativo à mera negação e privação de existência, ser e sentido, sendo apenas o termo menos desadequado para dizer uma *transcendência*, ou plenitude intrinsecamente excessiva de todas as determinações positivas e negativas, parece sugeri-lo a etimologia do seu equivalente latino. Contrariamente ao que indica a provável origem do sentido comum da palavra *nada* na locução latina "nulla res nata" ("nenhuma coisa nascida"), a origem de *nihil* advém da aposição da partícula negativa *ne* ao substantivo neutro *hilum*, *i*, o qual já tem o sentido de "quase nada, nada, um nada", sendo assim sugerido, pela negação deste, o *algo* misterioso (ou seja, etimologicamente, *inefável*) do que não é coisa alguma nem

a sua negação.